

## Momentos de comunicação intensa entre terapeuta e cliente: análise fenomenológica de depoimentos

Cleidemar Estevam de Oliveira Teani

Descreve a estrutura da experiência de comunicação intensa entre terapeuta e cliente, vivida durante sessões de psicoterapia, através da análise fenomenológica de depoimentos de psicoterapeutas. Fundamenta-se na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), com enfoque experiencial, tendo uma ênfase existencial-fenomenológica. Utiliza o método fenomenológico aplicado à pesquisa em psicologia clínica. Os colaboradores são sete psicoterapeutas experientes, de orientação humanística, provenientes de diversas regiões do país, aos quais se fez o pedido: “conte-me um momento de comunicação intensa entre terapeuta e cliente, vivido por você enquanto psicoterapeuta”. Conclui que os momentos de comunicação intensa referem-se à mudança terapêutica, e dão-se através de uma experiência compartilhada na relação interpessoal estabelecida entre terapeuta e cliente, onde ocorre uma co-experienciação. As condições facilitadoras para a ocorrência destes momentos são a empatia, enquanto atitude tanto do terapeuta como do cliente, indissociável da autenticidade e da aceitação positiva incondicional; os sentimentos e a expressividade, tanto do terapeuta como do cliente, assim como a sensibilidade e capacidade de compreender o que está experienciando do terapeuta.

**Palavras chaves:** Psicoterapia, comunicação, mudança terapêutica, co-experienciação.

### Abstract

#### Moments of intense communication between therapist and client: a phenomenological analysis of reports

The intense communication between therapist and client, experienced during the psychotherapy sessions, is described through the phenomenological analysis of therapists reports. Based on the Person-Centered Approach (PCA), with experiential focus and existential-phenomenological emphasis. The phenomenological method applied to the clinical psychology research is used. The helpers are seven experts therapists, with humanistic orientation, from different parts of the country, who were asked the following: “Tell me a moment of intense communication between therapist and client, experienced by you as therapist”. Findings demonstrate that the intense communication is related to the therapeutic change, happening through a shared experience on the established relationship between therapist and client, where a co-experiencing occurs. The facilitating conditions for the occurrence of these moments are the empathy as an attitude of the therapist as well as the client, inseparable of the authenticity and unconditional positive acceptance; the therapist and client feelings and expressiveness, and also the therapist sensitivity and capacity to comprehend what is been experienced.

**Key words:** psychotherapy, communication, therapeutic change, co-experiencing.

## Introdução

Dirigi meu olhar para experiências que são especiais, intensas, marcantes na relação entre cliente e terapeuta enquanto acontecimentos significativos do processo psicoterapêutico; experiências mais significativas no *continuum* do fluxo experiencial, que “mexem” mais com terapeuta e cliente, e que parecem modificar mais a este último; momentos em que a comunicação é expressão do que está se passando com a pessoa, em que a fala exerce sua função simbólica, é uma fala autêntica, como diria AmatuZZi (1989). Revelou-se, aqui, o interesse por aspectos da comunicação na relação interpessoal e na mudança terapêutica.

Alguns autores descreveram experiências referentes ao tema como:

- Rogers (1980):

*“Quando estou em minha melhor forma, como facilitador de grupo ou como terapeuta, descubro uma nova característica. Percebo que quando estou o mais próximo possível de meu eu interior, intuitivo, quando estou de algum modo em contato com o que há de desconhecido em mim, quando estou, talvez, num estado de consciência ligeiramente alterado, então tudo o que faço parece ter propriedades curativas. Nestas ocasiões, a minha presença, simplesmente, libera e ajuda os outros. Não há nada que eu possa fazer para provocar deliberadamente essa experiência, mas quando sou capaz de relaxar e ficar próximo do meu âmago transcendental, comporto-me de modo estranho e*

*impulsivo na relação, que não posso justificar racionalmente e que não tem nada a ver com meus processos de pensamento. Mas esses estranhos comportamentos acabam sendo corretos, por caminhos bizarros: parece que meu espírito alcançou e tocou o espírito do outro. Nossa relação transcende a si mesma e se torna parte de algo maior. Então, ocorrem uma capacidade de cura, uma energia e um crescimento profundos. (p.47)*

- AmatuZZi (1989):

*“Só estou falando plenamente de mim, quando estou falando para alguém e não apenas diante de alguém ou tendo alguém diante de mim que me escute, e isso porque o sujeito (ao qual nos referimos ao dizer “de mim”) só se constitui, só está sendo, no ato da relação. E está implícito na atitude de falar para alguém a disposição de escutar esse alguém, ou melhor, de escutar sua resposta. Mas isso significa que um verdadeiro interesse por minhas coisas é indissociável do interesse pelas coisas do outro. O centro da pessoa, segundo Buber, só se revela no campo do entre”. (P.43)*

- Wood (1994):

*“O terapeuta e o cliente participam de uma experiência integrativa que transcende o tempo, que transcende os limites da identidade presumida do cliente e do terapeuta. Através da atenção focalizada unica-*

*mente "em cada coisa" que o cliente está dizendo, o quadro habitual de referência do terapeuta torna-se mais flexível. Nesse estado, ele pode perder a consciência do que está a seu redor e até do sentido do tempo. (p. 229)*

Pesquisas têm sido realizadas a respeito do tema: Kolden (1991) buscava responder à questão: "o que é efetivamente terapêutico em terapia?"; Mahrer et al (1992) pesquisaram "momentos muito bons em terapia"; Marziale e Alexander (1991) pesquisaram a respeito do poder da relação terapêutica; Safra (1989) analisou "momentos mutativos na psicoterapia psicanalítica"; Ancona-Lopes (1996) enfatizou o encontro como ponto essencial da relação de ajuda; e Santos (1985) pesquisou sobre momentos mágicos em psicoterapia.

### **O enfoque fenomenológico da pesquisa**

Utilizei como principal fonte de conhecimento a experiência, o vivido. Dispus-me a estar livre de qualquer pré-concepção, buscando uma apreensão do fenômeno tal qual ele se mostrava. Foi uma pesquisa orientada para a descoberta (Mahrer, 1988; Alves, 1991; Muchielli, 1991).

Entrar na relação com o cliente (ou em pesquisa, entrar na relação com os dados) sem pré-concepções sobre ele ou sobre como deve se dar a relação com ele, olhando-o como está se apresentando a mim naquele momento, interagindo com ele de pessoa para pessoa remete ao método fenomenológico: a realidade enquanto o que é experimentado por quem a vive. A utilização do método fenomenológico como o instrumento para investigação deste tipo de realidade é defendido por França (1989).

Forghieri (1993) ao discorrer sobre o método fenomenológico aplicado à psicologia, especifica dois momentos:

*"...considero que a redução fenomenológica, no campo da psicologia constitui-se de dois momentos, paradoxalmente inter-relacionados e reversíveis, que denomino de envolvimento existencial e distanciamento reflexivo". (p. 60)*

Mahrer (1988) propõe para a psicoterapia a pesquisa orientada para a descoberta seguindo três passos: a) especificar a questão que se quer pesquisar; b) colher dados; c) examinar os dados. Há duas abordagens para este tipo de pesquisa: numa se faz uma focalização, e então se olha para os eventos e fenômenos psicoterapêuticos buscando a descoberta; e na outra, busca-se descobrir as inter-conexões entre condições terapêuticas, operações e conseqüências. Utilizei a primeira destas duas abordagens propostas por Mahrer.

### **A teoria subjacente**

Este trabalho se embasou na Abordagem Centrada na Pessoa; onde a pessoa é vista como profundamente digna de respeito, com uma tendência constante para o crescimento e desenvolvimento; sendo ela quem melhor pode saber de si, capaz de se auto-guiar, e tendo dentro de si o potencial para isto. Assim, o psicoterapeuta trabalha buscando facilitar a liberação desta tendência do cliente. E o faz através do estabelecimento de uma relação interpessoal baseada na empatia, aliada à autenticidade, e na aceitação do outro tal qual ele está se apresentando no momento; sendo o que é experimentado por ambos

os participantes, a principal fonte de compreensão do cliente e de mudança terapêutica.

Quanto à tentativa de compreensão da dinâmica do processo terapêutico, remeto-me às formulações propostas por Rogers (1967) e aos desenvolvimentos teóricos de Gendlin (1964), que caracterizam a chamada fase experiencial da terapia centrada no cliente, como assinala Puente (1978, p.26). Entendo o passar pela experiência como o que Gendlin chamou de “*experiencing*” e que Rogers recebeu como uma melhor formulação para traduzir o processo concreto que percebia ocorrendo interiormente às pessoas. O termo “*experiencing*” tem sido traduzido para o português como *experienciação* e assim me referirei a ele também. Segundo a formulação de Gendlin (1964), “*experiencing*” é um processo sentido, de eventos internos concretos ocorrendo, é a experiência enquanto processo, refere-se ao que também chamei de vivido ou experiência vivida ao longo deste trabalho. Quando esta experiência é diretamente referida, focalizada, significados implícitos podem ser vivenciados, constatados e identificados. Quando se dá continuidade à referência direta, fazendo-se a interação do que é experienciado com símbolos verbais ou não, tem-se a possibilidade de expressá-la, através de seus desdobramentos em significados explícitos. O significado sentido, significado implícito, ou *felt meaning*, de acordo com o que entendo de Gendlin, apontam para um nível rudimentar de simbolização da experiência, um nível corporal, a forma particular que a experiência vai tomando pela pessoa ser quem é, unicamente. É importante ressaltar que qualquer que seja o tipo de *experienciação*, da mínima, mesmo que não tenha passado por referência direta e tenha ficado apenas num nível corporal,

até a mais completa, tendo frutificado em significados explícitos conceituais, é sempre uma experiência organísmica: sua existência implica em consciência.

Cada experiência é vista como única e imediata, somente existindo como tal, no momento exato em que está ocorrendo.

## O desenrolar da pesquisa

O **Objetivo** foi colher depoimentos de psicoterapeutas a respeito de momentos de comunicação intensa com seus clientes, ocorridos durante sessões terapêuticas, e descrever a estrutura da experiência vivida por eles nesses momentos.

Aconteceu o que se poderia chamar de tendência dialética da pesquisa (Amatuzzi, 1996): conforme ela foi se desenrolando foi sendo alterada.

Participaram da pesquisa sete psicoterapeutas, de diversas regiões do país, reconhecidamente experientes, todos de abordagens existenciais-humanistas, predominando os que trabalham na Abordagem Centrada na Pessoa. A colaboradora VII enviou três relatos de momentos, todos utilizados. Assim foram, ao todo, analisados nove relatos.

O desenrolar da pesquisa mostrou que era possível a aceitação de diversas formas de coleta de depoimentos. Assim, pedi a cada terapeuta: “conte-me um momento de comunicação intensa entre terapeuta e cliente, vivido por você enquanto psicoterapeuta”, por escrito, de preferência; mas oralmente também foram aceitos.

Foram considerados, também, como dados de pesquisa os meus relacionamentos com os colaboradores, além dos próprios depoimen-

tos. A análise da relação foi sendo feita paralelamente à coleta dos depoimentos. Quanto aos depoimentos, isolei o que reconheci como relatos de momentos de comunicação intensa entre terapeuta e cliente e fiz uma análise de cada um destes relatos através dos seguintes passos, adaptados de Giorgi (1985):

I - O sentido do todo - Procurei captar o que aquilo que estava escrito, enquanto um todo, me transmitia, o que o colaborador estaria querendo me dizer, um sentido, um significado global do que havia sido dito. Este item não foi registrado, ele orientou os passos seguintes e ajudou a formar a compreensão do que são os momentos, apresentada na conclusão dos resultados e na discussão e conclusões da pesquisa.

II - Discriminação de unidades de significado - procedi a uma simples divisão em unidades, captando espontânea e intuitivamente os momentos em que havia uma mudança psicologicamente sensível do significado da situação para o colaborador.

III - Transformação das expressões cotidianas do sujeito em linguagem psicológica com ênfase no fenômeno a ser estudado: procurei explicitar as percepções psicológicas contidas nas expressões do colaborador em cada unidade de significado referentes a meu objeto de estudo.

IV - Síntese das unidades de significado transformadas: busquei fazer uma sistematização consistente da estrutura da experiência do colaborador.

Foram mudados os dados que pudessem identificar qualquer pessoa envolvida e os depoimentos foram enviados aos respectivos colaboradores para que confirmassem a autorização para utilizá-los na pesquisa.

## Resultados

Foram colocados juntos os significados encontrados nos diversos depoimentos que pareciam semelhantes; foi dado um nome a cada um destes grupos que buscava traduzir o que eles pareciam transmitir.

Da regularidade com que alguns itens apareceram nos depoimentos dos colaboradores transpareceu uma estrutura dos momentos de comunicação intensa. Esta estrutura pode ser considerada bastante significativa uma vez que os colaboradores não tinham conhecimento de quem mais estaria colaborando com a pesquisa e pelo fato de representarem uma amostra variada, sendo provenientes de diferentes estados ou de localidades distantes do mesmo estado do Brasil. Todos os dados e passos de análise, detalhados, encontram-se em Teani (1997).

### A estrutura encontrada

Os itens com asterisco apareceram em pelo menos seis dos depoimentos; e os demais em pelo menos dois.

\*a. Em geral, a sessão começa da mesma forma que as anteriores, quando há diferença diz respeito a variação na intensidade ou no conteúdo de algo que já tinha estado presente em outras sessões.

b. O terapeuta nota a presença importante de sua sensibilidade aguçada na ocorrência destes momentos.

\*c. No contato com o cliente, o terapeuta é mobilizado interiormente; ele sente coisas em si a partir da relação com o cliente; algo se passa com o terapeuta por estar em interação com este cliente.

d. O terapeuta reflete sobre o que se passa consigo, buscando compreender e tomar decisões em relação a isto.

e. O terapeuta toma a decisão de expressar, comunicar ao cliente o que se passa consigo.

\*f. O terapeuta busca, através de seu jeito peculiar de ser, expressar ao cliente o que está sentindo.

g. O cliente tem uma reação de surpresa frente ao que foi expresso (por ele mesmo ou pelo terapeuta).

\*h. Em seguida à expressão do terapeuta, o cliente muda sua postura, sua atitude, parecendo inteiramente voltado para si mesmo, ou, para o que está se passando consigo naquele instante.

\*i. O cliente expressa algo que diz respeito a si, algo que se passa consigo naquele instante.

\*j. O terapeuta se sente participando com o cliente que está se passando com este; é uma sensação de compartilhar, de neste momento viver algo com o cliente, como se realmente estivessem unidos.

\*k. O cliente demonstra novas compreensões, elaborações a respeito de si mesmo.

l. O terapeuta comunica ao cliente sua percepção do que foi vivido durante a sessão.

m. O momento de comunicação intensa beneficia tanto o cliente quanto o terapeuta; o primeiro, por ter sido ajudado, e o segundo, por ter se sentido com melhores condições de ajudar (cada um crescendo, segundo a posição em que se encontra na relação).

\*n. O momento de comunicação intensa é importante para intensificar o processo terapêutico, modificando-o no sentido de uma maior eficiência.

## Discussão e conclusões

Ter focalizado o estudo em momentos de comunicação intensa tocou num ponto essencial da psicoterapia para os colaboradores conside-

rados: mostrou dizer respeito aos momentos de mudança terapêutica, momentos de movimento como cita Rogers (1954). Conclusão que poderia ser ampliada por uma pesquisa que buscasse verificar que significado ou estrutura teriam estes momentos, e também em que consiste a mudança em termos da experiência para outras formas de fazer terapia. Haveria uma essência geral?

Mahrer et al (1992) pesquisaram “momentos muito bons” em terapia com psicoterapeutas que trabalham com Gestalt (de fundamentação existencial). As seis categorias de momentos muito bons que levantaram correspondem a aspectos da estrutura aqui encontrada: “Do sentimento neutro ao forte”, “Aceitação do problema do self”, “Estado processo de personalidade novo, profundamente sentido”, “Forte expressão diretamente para o terapeuta”, “Intenção de mudança de comportamento extra-terapia” e “Estado de bem estar geral”. Também coincidiu a constatação de que, para a ocorrência destes momentos, é necessária uma sensibilidade do terapeuta para perceber o que o cliente está vivenciando, o que ajuda a guiá-lo em suas intervenções.

Heppner, Rosenberg e Hedgespeth (1992) encontraram que o tema predominante nas respostas dos clientes, quando se referiam ao processo de mudança, dizia respeito a caminhos para lidar mais efetivamente com seus problemas, o que é confirmado pelos sentidos encontrados na análise de vários depoimentos deste trabalho. E os seus clientes identificaram temas envolvidos na mudança, que seriam da ordem de informações recebidas ou de componentes afetivos. Os resultados de minha pesquisa demonstram que a mudança depende mais de

componentes afetivos: *do que cliente e terapeuta sentem e expressam um ao outro.*

Pela estrutura encontrada, o momento de comunicação intensa, para estes terapeutas, caracteriza-se por uma relação entre terapeuta e cliente que permite que o cliente passe por uma experiência visceral (Rogers, 1961) entrando em contato com significados sentidos - *felt meanings* (Gendlin, 1964); o que lhe permite uma maior consciência do que se passa consigo, inclusive com a possibilidade de dizê-lo em palavras, realizando novas simbolizações, e desta forma sendo levada adiante na experiência.

Cury (1993, p.271), ao propor aspectos da formulação de uma Psicoterapia Centrada na Pessoa, diz: “compreensão empática considerada como o elemento essencial na ativação da relação intersubjetiva entre terapeuta e cliente, desde que definida como uma ”co-experienciação”. O termo “co-experienciação” é o que parece definir melhor o que os dados desta pesquisa mostram. Fazendo uma analogia com o processo pessoal de experiência descrito por Gendlin (1964), poderia dizer que, nesta pesquisa, nos momentos estudados nota-se a referência direta, porém a nível dialógico, da relação entre duas pessoas. O momento de comunicação intensa é uma experiência que pode ser explicada da seguinte forma: quando o terapeuta passa por uma experiência nestes momentos, que é um processo seu, mobilizado pela interação que está tendo como o cliente, e em decorrência de estar centrado nele, ele tem condição de dizer algo em referência direta ao que está experienciando e disto dizer respeito também ao cliente. A partir do que o terapeuta está experienciando, ele pode dizer coisas (dizer no sentido mais amplo, de expressar algo a al-

guém) que simbolizam o que está se passando com o cliente. Nos momentos relatados pelos colaboradores, houve esta co-experienciação, e o próprio desenrolar das sessões mostrou o quanto o que o terapeuta dizia (ou expressava de outra forma) realmente era significativo para o cliente, dizia-lhe respeito, reconstituindo um processo experiencial ou promovendo uma nova experiência.

Os itens c e f revelam, diretamente, a relação dialógica: o que se dá a partir do que uma pessoa é para a outra, falar algo de si para o outro a partir do que este outro suscitou em si (Buber, 1982). Poderia dizer que o diálogo, esta comunicação profunda, caracteriza todo o processo terapêutico, ou pelo menos grande parte dele quando o enfoque é existencial fenomenológico, como a Abordagem Centrada na Pessoa, que trabalha basicamente com a empatia; e é apenas intensificado nestes momentos.

Os resultados também permitem falar da autenticidade; da fala, ou expressão, tanto do terapeuta como do cliente, brotarem diretamente do que se passa com eles no momento (itens f e i). Esta contigüidade entre a experiência e a expressão remete ao conceito de Rogers (1980) de congruência, condição essencial da autenticidade. Remete, também, às reflexões a respeito da fala autêntica desenvolvidas por AmatuZZi (1989) e às contribuições de Merleau-Ponty (em AmatuZZi, 1989): nestes momentos da terapia, poder-se-ia dizer que não se está falando de alguma coisa, mas que cada uma das pessoas *está se falando.*

A disponibilidade do terapeuta a vivenciar estes momentos na relação com o cliente e a importância que dá a isto pressupõe uma valorização da pessoa do cliente, do que ele está sendo no momento, o que é um reflexo da atitude de

consideração positiva incondicional que experimenta para com ele.

Hill e Corbett (1993) citam pesquisas de Truax e Mitchell (1971) e Truax (1971) desenvolvidas a partir das proposições de Carl Rogers, onde se conclui que terapeutas que são empáticos, calorosos e genuínos não necessitam de ter uma orientação teórica particular para serem efetivos em seu trabalho com uma ampla variedade de clientes. Quando citam Greemberg (1980) sobre o que ocorre na resolução de conflitos internos, é semelhante ao que ocorre nos momentos de comunicação intensa: o cliente passa de uma focalização em instâncias externas para uma focalização em instâncias internas. E também citam pesquisas que apontam para o que tem sido utilizado para lidar com experiências profundas, como: Greemberg e Clarke (1979), uso de procedimentos de Gestalt terapia; Wiseman e Rice (1989), intervenções específicas e voz focalizada; e Elliott (1984), interpretações; ao que se pode acrescentar os resultados deste estudo: uma relação humana dialógica, através da empatia profunda, da co-experienciação.

Nesta pesquisa foram confirmados alguns pontos levantados por Safra (1996): a importância da intuição do terapeuta e o fato de significar um momento de encontro, onde tem grande peso a relação humana de confiança estabelecida pelo cliente com o terapeuta, mudando a relação terapêutica, intensificando o processo terapêutico. Também, o encontro, como ponto essencial da relação de ajuda, foi aspecto enfatizado na tese de doutorado de Ancona-Lopes (1996).

Este estudo demonstra que a qualidade da relação interpessoal estabelecida no processo terapêutico, e o desenvolvimento de aspectos

que surgem a partir desta relação, interferem diretamente na efetividade da ajuda que é dada ao cliente; o que vem a confirmar a proposição básica do artigo de Marziale e Alexander (1991) de que a aliança terapêutica (enquanto relação terapêutica) é fator essencial para prever o sucesso de uma psicoterapia.

Santos (1985) discorreu sobre o que chamou de momentos mágicos, que parecem coincidir com os momentos aqui focalizados, enfatizando a sua importância para a concretização de um processo terapêutico mais profundo e de ajuda duradoura para o cliente, como mostram os itens k e n da estrutura aqui encontrada.

O encontro com os colaboradores propiciou um “mergulho” nos momentos de comunicação intensa. Parte destes encontros se deu no I Fórum Brasileiro da Abordagem Centrada na Pessoa. Lá tivemos a oportunidade de experimentar intensamente o que Rogers (1980) e Wood (1994) denominaram estados alterados de consciência, e Cury (1993), para evitar conotações patológicas, denominou estados especiais de consciência. Era muito forte a percepção de que o estado que estávamos vivendo ali tinha diretamente a ver com o que acontecia nos momentos de comunicação intensa: uma abertura muito grande ao outro, uma capacidade de perceber coisas que normalmente não percebemos no dia-a-dia, a co-experienciação - dando a possibilidade de uma pessoa tornar-se consciente do que estava se passando interiormente com outra, e uma tendência a comunicar-se com o outro (no grupo e às vezes individualmente); tudo em um clima onde a autenticidade era a tônica. O que parece não ser muito diferente dos momentos de terapia que focalizei: o terapeuta colaborando à sua maneira, com uma atitude de

empatia profunda e o cliente também, aceitando ser ajudado desta forma; ambos participando de uma relação que se torna dialógica na medida em que um se comunica com o outro pela pessoa que está sendo, através da experiência imediata, ficando neste momento em segundo plano, ou importando pouco o papel que cada um desempenha, propiciando uma comunicação especial. Toco aqui num ponto delicado por se constituir numa discussão já antiga (Kirschenbaum e Henderson, 1989), quando Rogers e Buber se viram num impasse: da relação terapêutica ser ou não uma relação de pessoa-a-pessoa. Diria que a relação terapêutica se constitui numa relação de pessoa-a-pessoa, essencialmente, nestes momentos (de comunicação intensa); e mais se aproxima disto, quanto mais as pessoas se relacionam desta forma, *um dizendo-se ao outro; por o que um comunica ser uma resposta ao que o outro ou do outro lhe toca*. Olhando para estes momentos particulares da psicoterapia, vê-se uma relação humana profunda, uma relação de pessoa-a-pessoa; e nela se processando uma mudança importante na vida do cliente. E como citam alguns colaboradores: mudanças importantes também se processando na vida do terapeuta. Cada um sendo modificado, de forma diferente, pela pessoa que é, por esta experiência de relação humana profunda.

Chamou especial atenção a relevância do inédito, do que era dito pela primeira vez. O primeiro contar o momento pelos colaboradores, fosse por escrito ou oralmente, causava um impacto maior, parecia mais cheio de significado que nas outras vezes que era contado ou lido. Isto pode ter se dado porque:

- o momento enfocado refere-se à experiência imediata na relação do cliente com o terapeuta;

- o encontro com os colaboradores me deu acesso a seu vivido, permitindo compartilhar um pouco deste com eles; o que fez com que este vivido fosse atualizado nesta nossa relação.
- escrevi o artigo tentando comunicar ao leitor o que estou experienciando em relação à pesquisa, ou, o contar está junto com um vivido.

Nestas situações a fala é a comunicação como extensão do vivido, como diria Amatuzzi (1989).

A sensação que tinha, conforme ia entrando em contato com as pessoas, é que estes relatos haviam sido disparadores, e que uma compreensão dos momentos também acontecia a partir de tudo que se dava “ao redor” desta coleta, e que tinha a ver com a experiência que este falar dos momentos possibilitava.

Dizer a experiência que fora vivida, era impossível; ao dizê-la, já era um outro momento, um outro significado, uma outra experiência. Se assim acontecia, seria possível dizer exatamente a experiência daquele momento em que esteve com seu cliente? Exatamente a experiência daquele momento não, mas parecia que o se referir a ele trazia consigo, também, uma experiência forte, intensa. Certamente não era a experiência “daquele momento”, mas era uma lembrança viva que tinha a ver com ele, a sua essência. Uma nova experiência acontecia ao se recordarem do momento pensando em responderem ao meu pedido. Isto parece ter feito com que acontecesse, entre os colaboradores e eu, uma “comunicação intensa”. Estes fatos dizem respeito a como uma experiência pode significar a atualização de experiências.

Um outro ponto a ser mencionado e que se relaciona ao fato de ter trabalhado na pesquisa com a fala autêntica, tanto no tema quanto na forma dos colaboradores me “darem” os depoi-

mentos, foi a dificuldade de relatar por escrito que alguns colaboradores constataram e que outros podem ter expressado ao demorarem muito tempo para fornecerem os depoimentos: é difícil dizer a experiência, e como diria AmatuZZi, nunca se consegue dizê-la totalmente. Mas, pelos resultados deste trabalho, como é fecundo o que se revela na intenção de dizê-la!!

E finalmente: o momento de comunicação intensa não é necessariamente pontual, não ocorre sempre em uma sessão como os que considere aqui. Conforme fui recebendo os depoimentos foi ficando mais claro o que significava para mim a palavra momento: não era uma fração de tempo, mas se referia a uma experiência vivida. Recebi depoimentos de três colaboradores de orientação existencial que citaram o momento como acontecendo ao longo de seis meses, ao longo de três sessões e ao longo de seis sessões. Esta pesquisa se restringiu ao estudo do momento de comunicação intensa vivido durante uma sessão de psicoterapia, mas poderia ter seus resultados ampliados com uma pesquisa que viesse a considerar os momentos que não se restringissem a uma única sessão.

Provavelmente, a maior contribuição deste trabalho, para a formação de psicoterapeutas ocorrerá, caso desencadeie, em seus leitores, uma reflexão a respeito da teoria e da prática clínica. Além disso, chama a atenção para aspectos importantes envolvidos na ocorrência de momentos de comunicação intensa, ou momentos de mudança terapêutica: a disponibilidade dos participantes para uma relação dialógica, experienciando e se expressando, a capacidade do terapeuta de co-experienciar (empatia); a congruência do terapeuta; a sensibilidade ou intuição do terapeuta e a sua capacidade de compreender o que está vivenciando; e

a atitude de respeito pelo que o cliente está experienciando. Estes aspectos apontam para a relevância de características pessoais do terapeuta para a efetividade de seu trabalho; o que ele pode desenvolver através de experiências como vivências, workshops, psicoterapia (submetendo-se à); complementadas sempre pelo estudo, que lhe dá a fundamentação para compreender, analisando criticamente sua prática.

## Referências Bibliográficas

- Alves, Alda J. "O planejamento de pesquisas qualitativas em educação". *Cadernos de pesquisa* (77), maio, 1991.
- AmatuZZi, Mauro M. "O resgate da fala autêntica". Campinas, SP, Papirus, 1989.
- AmatuZZi, Mauro M. "Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica". *Estudos de psicologia*, fasc. 1, 1996.
- Ancona-Lopez, Silvia. "A porta de entrada: da entrevista de triagem à consulta psicológica". Tese de doutorado, PUC, São Paulo, 1996.
- Buber, Martin. "Do diálogo e do dialógico". Trad. Marta de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo, Perspectiva, 1982. [Original alemão inclui: a) Diálogo, orig. 1930; b) A questão que se coloca ao indivíduo, orig. 1933; c) elementos dos inter-humano, orig. 1953.]
- Cury, Vera E. "Abordagem centrada na pessoa: um estudo sobre as aplicações dos trabalhos com grupos intensivos para a terapia centrada no cliente". Tese de doutorado. Unicamp, Campinas, SP, 1993.
- França, Carlos. "Psicologia fenomenológica: uma das maneiras e fazer". Campinas, SP, Edit. da Unicamp, 1989.
- Forghieri, Yolanda C. "Psicologia Fenomenológica". Pioneira, 1993.

- Gendlin, Eugene T. "A theory of personality change" in Worchel P. and Byine D., "Personality Change". New York, John Wiley and Sons, 1964.
- Giorgi, Amadeo. "Fenomenology and psychological research". Duquesne University Press. Pittsburg, PA, 1985.
- Heppner, P.P., Rosenberg, J. I. and Hedgespeth, J. "Three methods in measuring the therapeutic process: client's and counselor's construction's of the therapeutic process versus actual therapeutic events". American Psychological Association, 1992.
- Hill, Clara E. and Corbett, Maureen M. "A perspective on the History of process and Outcome Research in Counseling psychology". Journal of counseling psychology. V.40, nº1, 3-24, 1993.
- Kirschenbaum, H. and Henderson, V. L. "Carl Rogers: Dialogues". Boston, Houghton Mifflin Company, 1989.
- Kolden, Gregory G. "The generic model of psychotherapy: an empirical investigation of patterns of process and outcome relationships". Psychotherapy research 1(1) 62-73, 1991.
- Mahrer, Alvin R. et al... "How to bring about some very good moments in Psychotherapy sessions". Psychotherapy research 2(4) 252-265, 1992.
- Mahrer, Alvin R. "Discovery-oriented psychotherapy research". Journal of the American Psychological Association, V 43, n 9, september, 1988.
- Marziali, E. and Alexander, L. "The power of the therapeutic relationship". American Journal of orthopsychiatry, 61(3), July, 1991.
- Muchielli, a. "Les méthodes qualitatives". Presses Universitaires de France, Paris, 1991.
- Puente, M. "O ensino centrado no estudante: renovação e crítica das teorias educacionais de Carl Rogers". São Paulo, Cortez e Moraes, 1978.
- Rogers, Carl R. (1954). "A essência da psicoterapia: momentos de movimento" in Santos, A. Monteiro, "Quando fala o coração. Porto Alegre, RS, Artes Médicas, 1987.
- Rogers, Carl R. (1961). "Tornar-se pessoa". São Paulo, SP, Martins Fontes, 1991.
- Rogers, Carl R. e Stevens, B. (1967). "De pessoa para pessoa - O problema de ser humano". São Paulo, SP, Livraria Pioneira Editora, 1991.
- Rogers, Carl R. (1980). "Um jeito de ser". São Paulo, SP, E.P.U., 1983.
- Safra, Gilberto. "Momentos mutativos na psicoterapia psicanalítica". Tese de doutorado, USP, São Paulo, 1989.
- Santos, A. M. "Momentos mágicos - A natureza do processo energético humano". Brasília, Centro Gráfico do Senado Federal - CEGRAF, 1985.
- Teani, C.E.O. (1997) "Momentos de comunicação intensa entre terapeuta e cliente: análise fenomenológica de depoimentos". Dissertação de mestrado, Puccamp, Campinas, SP, 1997.
- Wood, John K. et al. "Abordagem centrada na pessoa". Vitória, ES, Ed. Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1994.